

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA FICÇÃO MACHADIANA: Gênero, Sociedade e Subjetividade

Barbara Karolayne Barbosa da Costa ¹

Rodrigo de Oliveira Chaves ²

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma análise da representação feminina na ficção machadiana, com foco nos contos “Pai contra Mãe” e “Mariana”, de Machado de Assis (2004). A pesquisa busca compreender como o autor constrói personagens femininas e de que forma essas construções dialogam com os valores patriarcais do século XIX, evidenciando tanto a reprodução quanto possíveis críticas a esses padrões. A análise dialoga com Moraes (2022), que discute a ressignificação da mulher negra nessas narrativas, evidenciando as complexidades de sua construção literária. Para aprofundar as reflexões sobre gênero, subjetividade e poder, a pesquisa apoia-se nos aportes teóricos de Hollanda (1994), Butler (2016), Pellegrini (2012) e Priore (1997). Hollanda propõe uma leitura feminista da cultura como espaço de disputa e resistência; Butler problematiza a naturalização das identidades de gênero; Pellegrini analisa o feminino no contexto literário; e Priore oferece uma base histórica sobre a condição da mulher no Brasil. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, com base em análises literárias e teóricas, articulando crítica feminista, estudos de gênero e análise textual e discursiva. Com base nesses referenciais, busca-se compreender como as subjetividades femininas são representadas na obra machadiana e como essas representações ainda reverberam nos debates contemporâneos sobre gênero, exclusão social e relações de poder.

Palavras-chave: Machado de Assis, Representação feminina, Crítica feminista, Estudos de gênero, Literatura brasileira.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, especialmente em seu período oitocentista, revela-se como um espaço privilegiado para a análise das tensões sociais, políticas e culturais que atravessaram o país. Nesse cenário, a representação da mulher constitui um campo fértil de investigação, sobretudo porque expõe os modos pelos quais a cultura patriarcal se apropriou de sua imagem, moldando-a a partir de expectativas e papéis sociais específicos. A produção literária, longe de ser um reflexo neutro da realidade, participa ativamente da construção simbólica dessas identidades, perpetuando valores, mas também abrindo brechas para sua crítica e desconstrução. É nesse contexto que a obra

¹ Graduada do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará - UFPA, barbarakarolayne13@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA, rodrigovk1234@gmail.com.



de Machado de Assis, marcada por sutileza, ironia e um olhar agudo para as contradições humanas, oferece terreno fecundo para a análise da condição feminina e suas múltiplas representações.

Este artigo se propõe a investigar a representação feminina em dois contos machadianos, “Pai contra Mãe” e “Mariana” (ASSIS, 2004), com o objetivo de compreender como o autor constrói suas personagens femininas e de que forma essas construções dialogam com os valores patriarcais do século XIX. Parte-se da hipótese de que Machado de Assis, ao mesmo tempo em que reproduz os códigos sociais de sua época, também os tensiona, conferindo às personagens femininas uma complexidade psicológica e social que desafia os estereótipos vigentes. O interesse por essa análise se justifica não apenas pelo caráter canônico da obra machadiana, mas também pela atualidade da discussão sobre gênero e poder, que permanece central nos debates acadêmicos e sociais contemporâneos.

A relevância desta pesquisa, portanto, está na possibilidade de reler autores considerados clássicos sob a ótica da crítica feminista e dos estudos de gênero, evidenciando que a literatura pode ser reinterpretada à luz de novos referenciais teóricos e de problemáticas atuais. Ao considerar que o cânone literário brasileiro foi historicamente estruturado a partir de perspectivas masculinas e brancas, o exercício de revisitar essas obras com outros olhares possibilita não apenas ampliar sua compreensão, mas também questionar as bases de exclusão que sustentam o imaginário social do país. Assim, este estudo busca contribuir para uma leitura crítica da ficção machadiana, revelando as ambiguidades de sua representação do feminino.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, fundamentando-se na análise textual e discursiva. São mobilizados aportes da crítica feminista, dos estudos de gênero e dos estudos culturais, de modo a articular a leitura literária com referenciais teóricos que permitam aprofundar a compreensão da subjetividade feminina na obra de Machado de Assis. Autores como Butler (2016), Hollanda (1994), Pellegrini (2012) e Priore (1997) serão centrais para o embasamento da análise, na medida em que problematizam as construções sociais de gênero, historicizam a condição da mulher e discutem o papel do feminino no espaço literário e cultural. Além disso, trabalhos como os de Gonzalez (2020) e Moraes (2022) oferecem contribuições indispensáveis para a discussão da mulher negra, elemento



fundamental nos contos analisados.

1.1 Contextualização teórica

A análise proposta dialoga com Moraes (2022), que discute a ressignificação da mulher negra nessas narrativas, evidenciando as complexidades de sua construção literária, mas sem se restringir exclusivamente a essa figura. Para aprofundar a reflexão sobre gênero, identidade e poder, a pesquisa se fundamenta nas perspectivas teóricas de Hollanda (1994), Butler (2016), Pellegrini (2012) e Priore (1997).

É pertinente destacar que o debate sobre gênero e representação feminina na literatura não pode ser dissociado do contexto histórico-social em que as obras foram produzidas. No Brasil do século XIX, a mulher ocupava um lugar social rigidamente delimitado pelas normas patriarcais, sendo reduzida majoritariamente às funções de esposa e mãe, além de estar sujeita a um regime de controle moral e social que lhe restringia a autonomia. Esse pano de fundo é essencial para compreender a ficção machadiana, que, ao retratar personagens femininas, não o faz de forma isolada, mas em diálogo com essas condições históricas e sociais.

A teoria feminista contribui de modo decisivo para analisar como tais representações foram construídas e perpetuadas. Hollanda (1994) entende a cultura como um campo de disputa em que o feminismo deve atuar criticamente para revelar e subverter as estruturas que sustentam a desigualdade de gênero. Nesse sentido, a leitura feminista da literatura implica não apenas identificar estereótipos, mas sobretudo compreender os modos sutis de resistência e agência das personagens. Machado de Assis, com seu estilo irônico e crítico, oferece ao leitor representações que podem ser interpretadas como ambíguas: ora reproduzem as convenções sociais de sua época, ora as problematizam, revelando fissuras na ordem patriarcal.

A crítica literária feminista, representada por estudiosas como Pellegrini (2012), também contribui para essa reflexão ao destacar como o feminino é construído no espaço literário. Segundo a autora, a literatura opera como uma instância que não apenas reproduz, mas também molda experiências de gênero, sendo necessário investigar como essas representações afetam a compreensão da subjetividade feminina. Em diálogo com essa perspectiva, Gonzalez (2020) e Moraes (2022) ampliam o debate ao destacar a centralidade da mulher negra, frequentemente invisibilizada nas narrativas



literárias. Gonzalez (2020, p. 89) observa que “a experiência da mulher negra articula opressões de gênero, raça e classe, desafiando os paradigmas universalizantes do feminismo branco ocidental”. Já Morais (2022) propõe uma ressignificação das personagens negras na obra machadiana, revelando a complexidade de sua construção literária e a relevância de sua leitura contemporânea.

Assim, ao articular as contribuições de Hollanda, Butler, Pellegrini, Priore, Gonzalez e Morais, esta pesquisa propõe uma análise que compreende a ficção machadiana como um espaço de tensão entre reprodução e crítica da ordem patriarcal.

Os contos “Pai contra Mãe” e “Mariana” permitem explorar essas contradições, uma vez que apresentam personagens femininas atravessadas por múltiplas camadas de opressão — racial, social e de gênero —, mas que também expressam subjetividades que desafiam os limites impostos. A partir desse diálogo entre literatura e teoria crítica, busca-se demonstrar que a obra de Machado de Assis continua a oferecer subsídios para pensar os dilemas contemporâneos em torno das relações de gênero, poder e exclusão social.

1.2. A mulher no século XIX: sociedade e subjetividade

A compreensão da representação feminina nos contos de Machado de Assis exige, em primeiro lugar, o reconhecimento do contexto histórico e social do século XIX, como já sinalizado anteriormente. Isto porque, a sociedade brasileira desse período estava estruturada em bases patriarcais e escravocratas, o que determinava rigidamente os lugares sociais ocupados por homens e mulheres. No espaço doméstico, as mulheres brancas de elite eram submetidas ao casamento como destino quase inevitável, sendo associadas à preservação da honra familiar e à maternidade. Já as mulheres negras e pobres eram frequentemente relegadas ao trabalho servil, à exploração sexual e à marginalização social.

Mary del Priore (1997) observa que as mulheres, fossem elas brancas ou negras, livres ou escravizadas, viveram à sombra de uma cultura política e social que as entendia como naturalmente inferiores. Essa inferioridade não era apresentada apenas como uma crença, mas como um discurso legitimado pela ciência da época, pela religião e pela moralidade pública. Essa condição de subalternidade produzia uma subjetividade feminina marcada pela obediência, pela reclusão e pela supressão de



desejos individuais. Contudo, ainda que submetidas a tais normas, as mulheres não eram sujeitos passivos: encontravam meios de resistir, negociar e tensionar os limites que lhes eram impostos.

No caso das mulheres negras, a opressão adquiria contornos ainda mais violentos. Elas eram associadas à ideia de corpo utilitário, destinado à reprodução e ao trabalho, o que as tornava duplamente subjugadas: pela escravidão e pelo gênero. Como assinala Gonzalez (2020), a mulher negra foi transformada em metáfora de resistência e sobrevivência, mas também em alvo constante da desumanização patriarcal e racista. Esse dado é fundamental para compreender a construção de personagens como Arminda, em “Pai contra Mãe”, e Mariana, no conto homônimo, ambas atravessadas por essa dupla camada de opressão.

A partir da teoria feminista, é possível aprofundar a análise desse contexto. Heloisa Buarque de Hollanda (1994) lembra que a cultura é um espaço de disputa em que os significados sociais são negociados e reconfigurados. Assim, ainda que o discurso dominante buscasse fixar a mulher em papéis de submissão, havia também brechas por onde emergiram práticas de resistência. Essas fissuras podem ser observadas na literatura, em que algumas personagens, ainda que silenciadas, deixam entrever sentimentos, reflexões e desejos que desafiam a ordem estabelecida.

Judith Butler (2016) contribui para esse debate ao problematizar a naturalização das identidades de gênero. Segundo a autora, o gênero é uma construção social que se *materializa* por meio da repetição de normas. Essa noção ajuda a entender que as representações femininas no século XIX não eram inevitáveis ou naturais, mas produtos de discursos históricos que buscavam manter as hierarquias sociais. Machado de Assis, ao retratar mulheres que oscilam entre a submissão e a revolta, permite ao leitor perceber a artificialidade dessas normas e as contradições de sua aplicação no cotidiano. Dessa forma, a subjetividade feminina no século XIX pode ser compreendida como um espaço de tensões: de um lado, os discursos que impunham a inferioridade, o silêncio e a obediência; de outro, as experiências concretas de mulheres que, mesmo sob opressão, encontravam maneiras de expressar desejos e resistências. Ao inserir essas personagens em suas narrativas, Machado de Assis não apenas registra a condição feminina de sua época, mas também abre espaço para que se percebam as ambiguidades que constituem essa experiência.



1.3. A crítica literária feminista e a representação do feminino

A crítica literária feminista surge como um campo de investigação que busca compreender como as mulheres e o feminino são representados nas produções culturais e literárias, problematizando os modos de exclusão e silenciamento históricos. Ao enfatizar a análise de discursos e práticas sociais, a crítica feminista questiona o cânone literário tradicional e propõe a visibilização de vozes e experiências antes marginalizadas. Nesse sentido, mais do que uma abordagem de gênero, trata-se de uma perspectiva crítica que evidencia relações de poder, assimetrias simbólicas e a construção social da identidade feminina no interior das narrativas (HOLLANDA, 1994; BUTLER, 2016).

Entre as contribuições relevantes para esse debate, destaca-se Pellegrini (2012), ao discutir a presença do feminino na literatura como um campo tensionado entre a tradição patriarcal e a possibilidade de ressignificação da experiência da mulher. Para a autora, a literatura é, simultaneamente, um espaço de reprodução de estereótipos e um território de resistência, no qual as personagens femininas podem revelar contradições, conflitos e perspectivas singulares. Essa abordagem evidencia que o estudo do feminino na literatura exige não apenas a leitura da representação da mulher como objeto, mas também como sujeito ativo de enunciação e de sentido.

Em diálogo com essa perspectiva, Gonzalez (2020) amplia a discussão ao propor um feminismo afro-latino-americano, que coloca no centro a experiência da mulher negra, reconhecendo os atravessamentos de raça, gênero e classe. A autora denuncia a invisibilização histórica dessas mulheres, ao mesmo tempo em que destaca sua atuação na produção cultural e política. Tal reflexão é fundamental para compreender como a crítica literária pode se articular a práticas decoloniais de leitura, desestabilizando paradigmas eurocêntricos e abrindo espaço para epistemologias diversas.

1.4. Machado de Assis e o universo feminino

Machado de Assis é amplamente reconhecido por utilizar sutileza e ironia para questionar os discursos dominantes de seu tempo. Em um Brasil marcado pela escravidão, pelo patriarcalismo e por estruturas rígidas de classe e gênero, sua obra



desafia as convenções sociais, não oferecendo respostas diretas, mas instigando o leitor a refletir criticamente sobre os valores e costumes da sociedade. A crítica à hipocrisia da elite, à exploração nas relações humanas e à aceitação naturalizada das hierarquias sociais permeiam muitos de seus contos e romances. Nesse cenário, a forma como Machado constrói suas personagens femininas se destaca como um dos elementos mais interessantes e inovadores de sua produção literária.

Diferentemente de muitos escritores do século XIX, que tendiam a representar mulheres de forma idealizada ou as reduziam a figuras moralmente inferiores, Machado constrói personagens femininas que rompem com esses estereótipos simplistas. Suas personagens possuem profundidade psicológica, expressam conflitos internos, desejos ambíguos e demonstram uma percepção de sua condição social. Mesmo quando ocupam papéis tradicionais, como os de esposa ou mãe, revelam capacidade de agir, refletir e, de forma sutil, resistir às imposições e opressões que as cercam. É justamente na contradição, e não na rigidez dos arquétipos, que essas personagens se tornam plenamente vivas e complexas.

A escolha dos contos “Pai contra Mãe” e “Mariana” como objetos de estudo neste artigo justifica-se exatamente pela riqueza com que ambos abordam a questão da mulher dentro das estruturas sociais do século XIX. Em “Pai contra Mãe”, a figura feminina aparece atravessada por duas camadas de opressão: a racial e a de gênero. A escrava Arminda e a esposa Clara são ambas submetidas a uma lógica patriarcal, embora de formas diferentes, revelando a intersecção entre maternidade, corpo e poder. Já em “Mariana”, Machado oferece ao leitor uma mulher negra educada, sensível e apaixonada, cuja subjetividade é tragicamente sufocada pela impossibilidade de viver um amor considerado inaceitável para sua condição. Ambas as narrativas permitem refletir sobre os limites e possibilidades da representação feminina na literatura machadiana, evidenciando como o autor desafia a norma ao dar visibilidade à dor, ao desejo e à humanidade de mulheres que, por vezes, foram silenciadas pela história.

Assim, ao analisar essas duas obras, este artigo busca evidenciar como Machado de Assis articula a crítica social em sua ficção a partir do olhar e das experiências de suas personagens femininas. Ao construir figuras atravessadas por conflitos raciais, sociais e emocionais, o autor desafia as convenções literárias de sua época e expõe as engrenagens que sustentam a opressão de gênero.



2 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, com base em análises literárias e teóricas. São mobilizados pressupostos da crítica feminista, dos estudos de gênero e dos estudos culturais, em articulação com a análise textual e discursiva. Além disso, são revisitadas leituras críticas já consolidadas sobre a obra de Machado de Assis, permitindo o diálogo entre diferentes perspectivas interpretativas. Tal opção metodológica se justifica porque a análise literária, sobretudo quando articulada a questões de gênero e representação, requer uma leitura aprofundada dos sentidos, contradições e silenciamentos presentes nos textos.

A análise é conduzida de forma textual e discursiva, com foco nos contos *Pai contra mãe* e *Mariana*. Essa opção metodológica permite identificar como a representação do feminino é construída e tensionada nas narrativas, considerando não apenas os aspectos estéticos, mas também as marcas ideológicas que atravessam os textos. O exame foi realizado em duas dimensões complementares: a interna, que abarca personagens, enredos e estratégias narrativas; e a externa, que situa as produções no contexto histórico-social do século XIX e em suas reverberações na contemporaneidade.

Dessa forma, a metodologia proposta possibilita uma leitura crítica e interseccional, articulando literatura e sociedade, e contribuindo para evidenciar o modo como as narrativas machadianas refletem e, ao mesmo tempo, questionam hierarquias de gênero, raça e classe.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentadas as análises dos contos *Pai contra mãe* e *Mariana*, de Machado de Assis, com o intuito de evidenciar as ambivalências que atravessam a escrita machadiana. Busca-se destacar o olhar irônico e a crítica sutil às estruturas de poder, bem como o retrato contraditório das personagens femininas, que, ao mesmo tempo em que reproduzem estereótipos, abrem espaço para leituras críticas.

3.1. Análise do conto *Pai contra mãe*



No conto *Pai contra mãe*, Machado de Assis evidencia a violência estrutural da escravidão a partir da trajetória de Cândido Neves, homem pobre que encontra na captura de escravos fugidos uma forma de sobrevivência. A ironia do narrador, ao naturalizar a crueldade dos instrumentos de castigo e os dilemas da pobreza, funciona como crítica à ordem social do século XIX. A ambiguidade do texto se concentra na sobreposição de dramas: de um lado, o desejo do pai de sustentar o filho recém-nascido; de outro, o destino trágico da escrava grávida capturada. Ao expor essa contradição, Machado revela como as hierarquias de poder — de raça, gênero e classe — sustentam-se de modo cruel e contraditório, deixando claro que a manutenção da vida de uns depende, muitas vezes, da morte ou da dor de outros.

Nesse conto, a figura feminina é representada de forma múltipla e contraditória. Arminda, a escrava fugida e grávida, simboliza a mulher negra reduzida à condição de corpo/mercadoria, sem direito de ter sua maternidade reconhecida. Sua súplica desesperada: “Estou grávida, meu senhor!”, não encontra compaixão na consciência de Cândido Neves, que, movido pelo desespero, insiste em capturá-la para obter a recompensa. A cena revela a objetificação extrema do corpo feminino negro, que, mesmo em gestação, não é respeitado, sendo violentamente interrompido no aborto que se segue à luta.

Clara, por sua vez, esposa de Cândido, representa uma condição distinta, mas também marcada pela opressão patriarcal. Em nenhum momento o conto explicita sua cor de pele, o que abre espaço para refletir sobre sua posição social. independente disso, ela é construída não por traços físicos, mas pela função que desempenha. Clara é a mulher cujo corpo e existência estão totalmente vinculados à reprodução. O desejo de ser mãe a define e organiza o enredo desse conto, sendo o motor da ação do marido. Mesmo não sofrendo violência explícita como Arminda, sua subjetividade é limitada pela lógica patriarcal, que a reduz ao papel materno.

Essa ambiguidade reforça uma característica central na escrita machadiana: a crítica sutil, feita muitas vezes pelo silêncio. Clara, cuja racialização nunca é afirmada, pode ser vista como símbolo de todas as mulheres confinadas ao destino da maternidade compulsória, enquanto Arminda encarna a brutalidade da exploração racial e a de gênero. Ao colocá-las em paralelo, Machado mostra não apenas a oposição entre mulheres de condições sociais distintas, mas também a gradação da opressão: Clara



sofre a violência simbólica, restrita ao espaço doméstico e ao dever materno; Arminda sofre a violência explícita, reduzida a corpo de troca e punida em sua maternidade.

Assim, “Pai contra Mãe” denuncia a perversidade do sistema escravocrata ao evidenciar como a vida de uns é construída sobre a dor e a exclusão de outros. Ao mesmo tempo, apresenta a mulher como sujeito constantemente atravessado por essas hierarquias de poder, revelando que tanto a doméstica quanto a escrava estão presas a engrenagem cruel do patriarcado e da escravidão.

3.2. Análise do conto Mariana

No conto *Mariana*, Machado de Assis evidencia a opressão estrutural da escravidão e do patriarcado a partir da trajetória da própria Mariana, jovem escrava que se apaixona por seu senhor. A ironia do narrador, ao apresentar com delicadeza a devoção de Mariana e a indiferença parcial de Coutinho, funciona como crítica sutil às normas sociais do século XIX. A ambiguidade do texto se concentra, mais uma vez, na sobreposição de dramas: de um lado, o amor intenso e sincero da escrava; de outro, a impossibilidade de consumir esse sentimento dentro das rígidas hierarquias de poder. Ao acompanhar a trajetória de Mariana até sua morte trágica, Machado revela como o sistema escravocrata e patriarcal destrói vínculos afetivos e impõe limites cruéis à vida emocional das pessoas subordinadas.

A personagem Mariana é educada como “filha da casa”, recebendo instrução e afeto, ela permanece, contudo, escrava, marcada por uma ambiguidade que a coloca entre inclusão e exclusão. Essa condição se torna dramática quando ela se apaixona por Coutinho e percebe a impossibilidade desse romance diante da realidade social. Sua própria fala traduz essa consciência: “Sou uma simples escrava”. Ao enunciar sua condição, Mariana reconhece a barreira intransponível que separa seus desejos da legitimidade social. Ela fala de sua dor, exprime seus sentimentos e até reivindica, ainda que em desespero, o direito de amar. Essa profundidade psicológica confere à personagem uma humanidade que contrasta com o modo como era vista pela sociedade: alguém cuja vida e afetos eram considerados ilegítimos. O ápice dessa contradição se dá em sua decisão pelo suicídio, explicitada no momento que declara: “Fugi porque eu o amo, e não posso ser amada, e sou uma infeliz escrava”. O gesto extremo transforma o



corpo em denúncia: sem espaço para existir plenamente como mulher, Mariana afirma sua humanidade no limite da vida e da morte.

O desfecho do conto reforça a crítica social machadiana. Sua morte, em vez de ser vivida como tragédia irreparável, é rapidamente esquecida pelos homens. “Duas horas de conversa tinham-nos restituído a mocidade.” O amor total e a dor absoluta de Mariana não deixam marcas duradouras na memória dos que a cercavam, revelando a banalização da dor feminina negra em uma sociedade que naturaliza sua exclusão.

Assim, em “Mariana”, Machado articula subjetividade e crítica social em torno da figura feminina, criando uma personagem contraditória sensível, profundamente humana e dotada de resistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação da mulher nos contos “Pai contra Mãe” e “Mariana”, de Machado de Assis, buscando compreender de que maneira as personagens femininas refletem e, ao mesmo tempo, tensionam os valores patriarcais do século XIX. A análise confirmou a hipótese de que, embora essas figuras estejam inseridas em uma sociedade que as restringe e silencia, Machado lhes confere densidade e contradição, permitindo enxergar nelas não apenas a submissão, mas também formas de resistência, consciência e denúncia. Cabe ressaltar, no entanto, que esta investigação não esgota as possibilidades de leitura, uma vez que outras perspectivas teóricas poderiam ampliar ou relativizar as interpretações aqui apresentadas.

A atualidade da discussão se mostra evidente. Refletir sobre as relações de gênero nos textos machadianos permite aproximar a leitura de debates contemporâneos da crítica e da educação, mostrando como questões estruturais de opressão, violência simbólica e desigualdade ainda permanecem presentes em nossa sociedade. Ao trazer essas problemáticas para o espaço escolar e acadêmico, a leitura literária se fortalece como prática crítica e formadora, capaz de provocar reflexões para além do campo estético.

Por fim, este estudo abre espaço para novos desdobramentos. Seria pertinente realizar análises comparativas com outros contos e romances de Machado, nos quais as personagens femininas também desempenham papéis centrais, ou ainda aproximar essa



discussão de obras de outros autores brasileiros do século XIX, a fim de perceber semelhanças e diferenças na construção da figura feminina. Dessa forma, a pesquisa pode contribuir para um olhar mais amplo sobre literatura como espaço de problematização social, reafirmando a relevância de Machado de Assis na compreensão crítica das relações de gênero no Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Pai contra mãe; Mariana*. In: _____. Contos. São Paulo: Ática, 2004.

ALVES, Hugo Héber Gomes. *Análise do conto "Pai contra mãe" de Machado de Assis*. Monografia (Graduação em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CUNHA, Wagner Perrotta. *A aquarela machadiana: quem conta um conto, inventa um mundo*. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-8301-7198>. Acesso em: 5 mar. 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

NEVES, Rita Ciotta. *"Pai contra mãe" de Machado de Assis: um grito contra a escravatura*. *Babilônia*, n. 4, p. 31-39, Lisboa: Universidade Lusófona, [s.d.].

MORAIS, Inara Fernanda Silva de. *A ressignificação da mulher negra em 'Mariana' e 'Pai contra mãe' de Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Piauí, 2022. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/bitstream/tede/470/2/Dissertação%20Completa.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/49505819/Resumo_do_livro_Butler_J_2016_Problemas_de_g%C3%AAnero_feminismo_e_subvers%C3%A3o_da_identidade. Acesso em: 26 mar. 2025.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/3471>. Acesso em: 26 mar. 2025.

PELLEGRINI, Tânia. *O feminino e o literário*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

